

## **DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO: ESTUDO COMPARATIVO COM ESTUDANTES DAS REDES PÚBLICAS FEDERAL E ESTADUAL DE SÃO GONÇALO/RJ**

Júlia Gomes da Costa; Carlos Eduardo Beda Gomes; Ricardo Cesar Rocha da Costa

*Instituto Federal do Rio de Janeiro*

*juliagomesc.16@gmail.com, c.beda@hotmail.com, ricardo.costa@ifrj.edu.br*

### **Resumo**

Este trabalho procura relatar uma pesquisa que vêm sendo desenvolvida no âmbito do Laboratório de Ciências Humanas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) – Campus São Gonçalo, a partir de debates e questões que mobilizaram xs estudantes durante as aulas da disciplina Sociologia e, em um segundo momento, na escola como um todo. A pesquisa investiga, por meio da aplicação de questionários, como estudantes do ensino médio, em sua maioria adolescentes na faixa etária entre 15 e 18 anos, se relacionam e lidam com a temática da diversidade sexual. O principal foco é a abordagem de questões envolvendo a sexualidade na adolescência, com destaque à análise do comportamento e do posicionamento de estudantes de ensino médio de quatro escolas públicas perante temáticas LGBTTI, como adoção de crianças por casais homossexuais, união civil homoafetiva e a posição do Estado acerca da diversidade sexual. A partir da análise dos dados obtidos, obtêm-se resultados que permitem constatar as influências da socialização na formação de adolescentes e jovens, levando-se em conta parâmetros socioeconômicos, o acesso a informações a partir do ambiente familiar e o vínculo dx estudante a grupos e instituições, com destaque para as de caráter religioso.

**Palavras-chave:** diversidade sexual, LGBTfobia, adolescência, ensino médio, escolas públicas.

### **Introdução**

Este projeto surgiu a partir de um olhar crítico acerca do comportamento de grande parte dxs estudantes do IFRJ Campus São Gonçalo, considerado no senso comum como extremamente "liberal" em relação à temática LGBTTI. O modo como os alunos e as alunas do Instituto lidavam com tais questões chamava a atenção em especial dos servidores do campus, assim como de diversos pais dessxs estudantes, ou seja, percebia-se que esse tema não era tratado como um grande tabu pela maioria que frequentava aquele ambiente escolar - e de uma forma muito diferente de outros ambientes escolares, conforme os depoimentos espontâneos de diversxs professorxs. Pensando dessa forma, o projeto foi elaborado para avaliar como estudantes das demais escolas públicas se relacionavam com essa temática no município de São Gonçalo.

A pesquisa foi realizada a partir da aplicação de questionários em quatro escolas, sendo duas estaduais e duas federais – incluindo o IFRJ Campus São Gonçalo. Três escolas foram visitadas para a aplicação do questionário. A primeira escola foi o Colégio Pedro II (CPII), um colégio de ensino médio federal, bastante tradicional, que possui uma unidade localizada no bairro Barreto, no município de Niterói, desde abril de 2006. Para ingressar nessa instituição de ensino os alunos devem passar por um processo seletivo amplamente concorrido, por ser uma escola reconhecida pela sua qualidade de ensino.

A segunda visita foi feita ao Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN), uma escola da rede pública estadual também tradicional entre os colégios do município de São Gonçalo, localizada num bairro próximo ao centro da cidade. O IECN mantém desde a década de 1960 um curso de formação de professorxs (o antigo "curso normal") que é referência na região e que tem há anos fornecido profissionais que atuam no primeiro segmento do ensino fundamental em diversas escolas privadas e públicas do município e adjacências. Trata-se de uma escola que apresenta uma boa infraestrutura física e um corpo docente reconhecido pela população em geral. Este perfil da escola é bastante

interessante para se pensar na formação dessxs educadorxs no que concerne ao tema da diversidade sexual, já que elxs são responsáveis por uma etapa importante do processo de socialização secundária de crianças em toda aquela região e em municípios vizinhos.

A terceira escola visitada foi o Colégio Estadual Walter Orlandini (CEWO), localizada numa das vias principais que corta o município de São Gonçalo, no bairro Paraíso. Ela também é considerada, assim como o IECN, como uma “escola de referência” da rede estadual, em função da sua infraestrutura física, do corpo docente de qualidade e da sua localização privilegiada, com facilidade de acesso via transporte rodoviário para muitos bairros.

Posteriormente, num segundo momento, o questionário foi aplicado no Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ / Campus São Gonçalo - CSG, onde a pesquisa é desenvolvida pela equipe. O Instituto se caracteriza por oferecer formação técnica integrada ao ensino médio para os seus alunos. No caso do Campus São Gonçalo, o único curso oferecido integrado ao ensino médio é o curso técnico em química. Para se tornar alunx do ensino médio do IFRJ é necessário passar por um processo seletivo. É uma escola bastante respeitada por sua qualidade de ensino, tendo como referência histórica as suas antecessoras Escola Técnica Federal de Química, depois Centro Federal de Educação Tecnológica em Química - CEFETEQ ou CEFET Química, localizada na cidade do Rio de Janeiro, cuja origem do curso remonta ao ano de 1945. No Campus São Gonçalo é oferecido também, desde 2011, na contramão da lógica tecnicista que impera na instituição, a Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afrobrasileiras.

Uma das referências da pesquisa em relação a um tema como o que abordamos aqui é a experiência de vida dx estudante, que leva em conta principalmente a influência familiar e a orientação religiosa. De qualquer forma, a proposta da pesquisa é avaliar principalmente a maneira como tais tópicos são discutidos no âmbito escolar, visto que tal informação mostra-se de vital importância frente à contribuição dada pela instituição de ensino à formação do indivíduo, utilizando de ferramentas pedagógicas para a quebra de tabus e de estereótipos que rondam a questão da sexualidade. A partir da análise dos dados obtidos, podemos chegar a resultados que apontem (ou não) para mudanças nas relações estabelecidas entre xs estudantes quanto à aceitação das diferenças de gêneros em comparação a décadas anteriores, principalmente em relação ao posicionamento de adolescentes e jovens frente a casos de LGBTfobia. Assim, a realização de entrevistas e a aplicação de questionários – ou ainda a utilização de outras técnicas de pesquisa – pode permitir a observação das influências da socialização, seja da família ou da religião, por exemplo, na opinião dos indivíduos, levando-se em conta parâmetros econômicos e o acesso a informações sobre o tema através de variadas mídias. Assim, a pesquisa pode contribuir criticamente para o processo de socialização de adolescentes e jovens estudantes da escola numa perspectiva de construção de condições mais igualitárias e libertadoras em suas relações sociais presentes e futuras.

## **Metodologia**

A metodologia empregada para a realização da pesquisa nesse primeiro momento foi a aplicação de um questionário anônimo em algumas turmas de ensino médio das escolas da rede pública relacionadas na seção anterior. O questionário apresentava 28 perguntas e era dividido em duas partes. A primeira parte era a “Identificação”, em que x estudante apresentava informações a respeito da estrutura e renda familiar e a sua orientação religiosa. Já a segunda parte tratava diretamente do tema da “Diversidade Sexual e de Gênero”, apresentando questões envolvendo opiniões sobre temáticas LGBTTI, como, por exemplo, a adoção de crianças por casais homossexuais, a união civil homoafetiva e se existiria, de fato, segundo a sua visão, a chamada “cura gay”. A maioria dessas questões eram de múltipla escolha, mas pediam justificativas para as opções escolhidas.

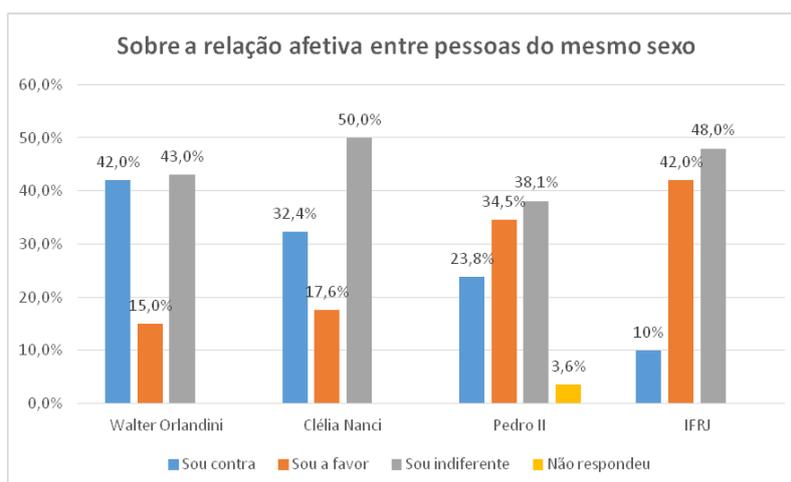
A aplicação do questionário foi feita em duas etapas. A primeira etapa foi realizada pelas bolsistas que compunham a primeira equipe de pesquisa, que visitaram três escolas: Colégio Pedro II – Unidade Niterói (CPII-Nit), Instituto de Educação Clélia Nanci (IECN) e o Colégio Estadual Walter Orlandini (CEWO).

A segunda etapa foi realizada pelos atuais bolsistas no próprio IFRJ Campus São Gonçalo (IFRJ-CSG), onde estudantes de diferentes períodos responderam ao questionário durante as aulas de Sociologia.

Um total de 339 questionários foram respondidos e analisados, sendo 86 questionários referentes a três turmas do 3º ano do ensino médio do CPII-Nit, 72 referentes a três turmas (uma de cada ano do ensino médio) do IECN, 86 referentes a três turmas do 3º ano do ensino médio do CEWO e mais 95 referentes ao IFRJ-SG, considerando-se, no caso, turmas pertencentes a três dos quatro anos do curso (no IFRJ o curso é semestral e tem a duração de quatro anos. Os questionários foram aplicados a turmas do 2º, 4º e 8º períodos - representando respectivamente, portanto, turmas do primeiro, segundo e quarto anos).

## Resultados e discussão

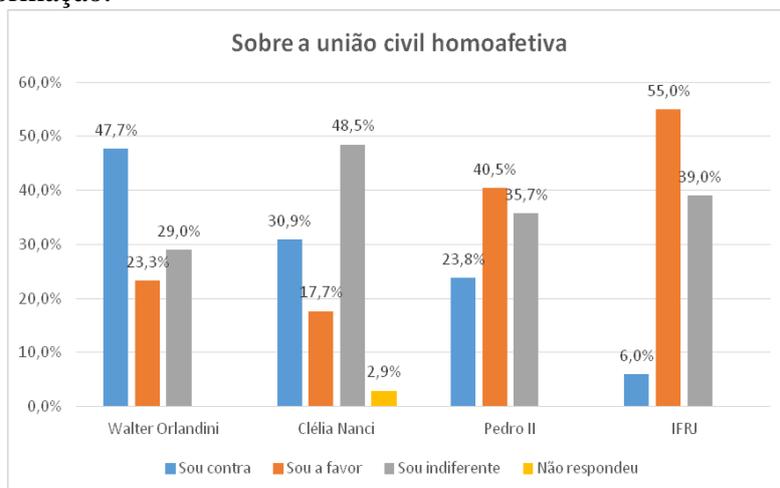
Após a contabilização das respostas aos questionários, chegou-se a resultados como o apresentado percentualmente pelo gráfico a seguir, que se refere a uma das questões formuladas:



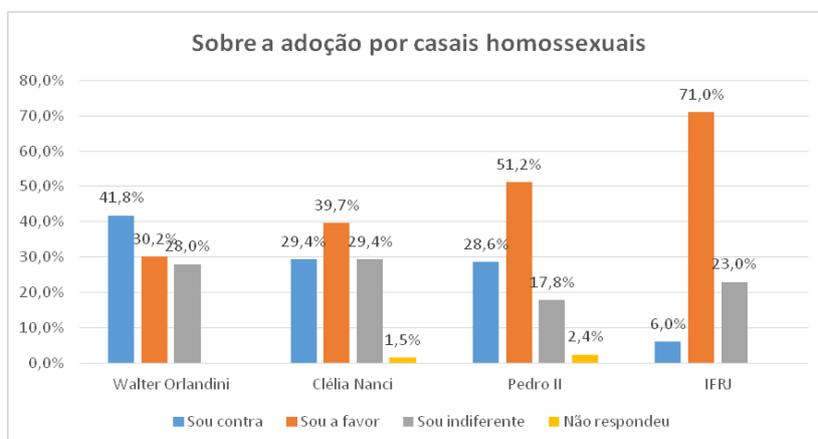
De acordo com os resultados obtidos e expostos no gráfico, pode-se inferir que, aparentemente, os alunos do IFRJ mostram-se mais tolerantes perante ao tema pesquisado em comparação aos estudantes dos outros colégios. O Colégio Pedro II, por sua vez, ocupou o que podemos chamar de "segunda posição" em relação aos níveis de tolerância. Arelados aos altos índices de reprovação, indiferença e baixa aprovação às relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo pode-se destacar nas respostas fatores como a pouca discussão sobre temáticas que envolvam a diversidade sexual, bem como a renda e o grau de escolarização das famílias dos entrevistados, na qual, na maioria das vezes, famílias com renda e grau de escolaridade mais baixos, em razão da dificuldade de acesso a informações em geral, tendem a ser mais conservadoras do que aquelas que apresentam renda e grau de escolaridade mais elevados.

Outro fator a ser destacado é o que envolve a religião dos entrevistados. Constatou-se na pesquisa que a grande maioria dos seguidores de religiões cristãs (católicos e protestantes em geral) tendem a apresentar posição de não aceitação a relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, sendo influenciados, nesse caso, aparentemente, pelas normatizações determinadas pelas suas instituições religiosas, que acabam por reforçar e, muitas vezes, aumentar as formas de preconceito e intolerância.

É importante ressaltar que xs alunxs das escolas estaduais revelaram no questionário não ter quaisquer debates sobre as temáticas LGBTTI na escola, o que, no mínimo, representa também menor acesso à informação.



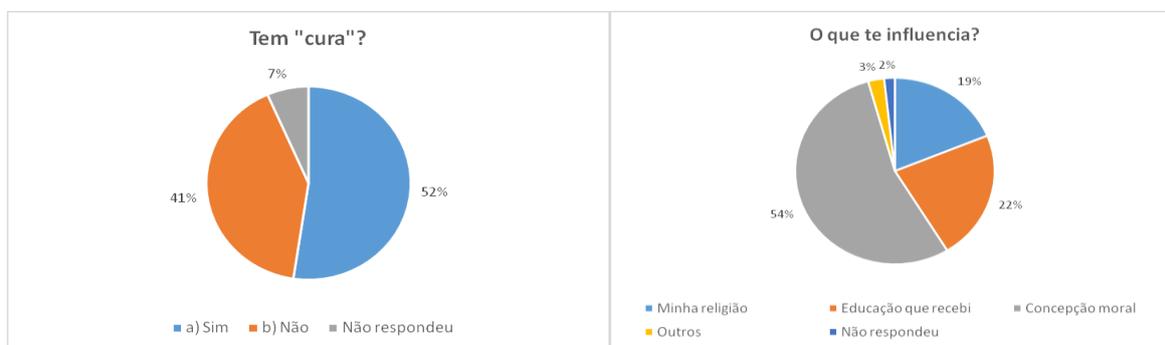
Ao se indagar sobre a união civil homoafetiva, percebeu-se uma posição diferenciada dos estudantes do IFRJ em comparação com as outras instituições de ensino pesquisadas. Na ponta oposta, estudantes do Instituto de Educação Clélia Nanci apresentaram-se mais intolerantes. Os altos índices de reprovação e indiferença à união civil homoafetiva, além da tímida aprovação ao mesmo tema, reforçam a ideia de que estes e outros assuntos são, ainda, pouco discutidos nas instituições de ensino, sobretudo nos colégios estaduais, quando comparados às instituições federais participantes da pesquisa. Além do pouco espaço para tais discussões nas escolas, nota-se a influência da renda e da escolaridade familiar dos entrevistados, que na maioria das vezes acaba incidindo em sua tomada de decisões e na forma como enxergam e se relacionam com tais temáticas. Além destes fatores, há a influência da religião, que exerce um forte peso sobre a maneira pela qual xs alunxs compreendem a temática. Os/as estudantes que responderam de forma contrária à união civil homoafetiva são, em sua maioria, adeptos de religiões cristãs, o que reforça a tese de que essas instituições, assim como suas famílias, tendem a exercer um forte papel na socialização dos indivíduos. No entanto, deve-se ressaltar que apesar das respostas dadas aos questionários levarem a tais considerações, não se pode generalizar conclusões que abarquem todxs xs estudantes, evidentemente, haja vista que a maneira de pensar e interpretar os fatos, por parte dos indivíduos, em geral, estão atreladas também a diversas outras questões.



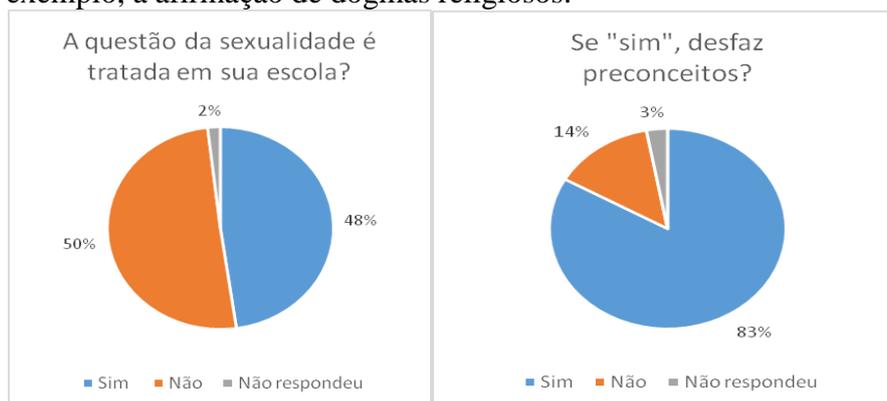
Ao abordar-se xs alunxs sobre a adoção de crianças por casais homossexuais, mais uma vez o IFRJ revelou uma posição de maior tolerância, em comparação com xs estudantes das demais

escolas. De qualquer forma, as taxas percentuais, em geral, daquelas que se mantiveram favoráveis à adoção ficaram acima dos 30%. Como justificativa para tal aceitação muitos alunos argumentaram que, por se tratar de crianças, o melhor para as mesmas seria ter um local onde pudessem comer e se abrigar, mesmo que esse fato significasse sua adoção por casais homossexuais. Apesar de representar um tímido avanço quanto a essa questão, deve-se notar que os alunos não consideraram o fato de casais homossexuais terem o direito de constituir uma família e adotar crianças, levando em consideração somente o fato de que esta situação (adoção por casais homossexuais) representa uma forma de evitar que as crianças sofram ainda mais. Notou-se, na sistematização dos dados do questionário, que fatores como religião, níveis de renda e escolaridade mantiveram sua correlação com as opções de respostas, mesmo considerando as devidas exceções individuais.

Quando perguntado às/aos alunos se havia "cura" para a homossexualidade, espantosamente 52% dos discentes responderam que sim, considerando a homossexualidade como uma doença. Nas justificativas, grande parte das respostas indicava que um tratamento religioso poderia, de fato, "curar" um homossexual.



A décima sétima pergunta questionava sobre o que influenciava os discentes nas opiniões que expressavam, sendo que podiam selecionar mais de uma opção. Assim, 54% dos discentes alegaram que eram influenciados por uma determinada "concepção moral", de uma forma abstrata, ignorando, por exemplo, a afirmação de dogmas religiosos.



As informações obtidas constataram que pelo menos 50% dos participantes da pesquisa não debatem questões LGBTTI em sua escola. Em contrapartida, 83% daqueles que debatem o tema afirmaram que a abordagem do assunto ajuda a desfazer preconceitos. Por outro lado, contabilizando e analisando os questionários, constatou-se que a maior parte dos alunos das escolas estaduais não possuem um espaço para debater as temáticas LGBTTI. Por conta disso talvez seja precipitado rotulá-los como "intolerantes", dado a falta de acesso as quaisquer informações.

## Conclusões parciais

Os resultados apresentados na seção anterior, por si só, justificam a grande importância de se tratar o tema da diversidade sexual nas escolas. Observou-se, por exemplo, que as escolas não abordam o assunto de modo a quebrar tabus e preconceitos sobre a sexualidade e o gênero, mantendo a homofobia velada e não contribuindo para a visibilidade LGBTTI. Nesse sentido, entendemos que esta pesquisa precisa de continuidade e de diversos desdobramentos, entre os quais o retorno às escolas visitadas, com a apresentação dos resultados e a realização de debates com servidorxs e estudantes. Os contatos da equipe com os responsáveis pelas escolas - docentes, pedagogxs e diretorxs - teve essa proposta como contrapartida. Esta, entretanto, não pode ainda ser realizada em função da mudança na composição da equipe de bolsistas e voluntárixs envolvidos.

Deve-se registrar, por fim, uma observação importante, obtida a partir do desenvolvimento desta pesquisa, sobre a percepção de maior "tolerância" existente no IFRJ-Campus SG, que motivou inicialmente a realização deste trabalho nas outras escolas, e cujas respostas aos questionários pareciam confirmar. Na medida em que a equipe realizou iniciativas de intervenção no campus, tais como a confecção de cartazes sobre o tema sexualidade e gênero durante o mês de março de 2015, ou que remetiam à questão LGBTTI em momentos como o Dia dos Namorados, e a divulgação de eventos sobre o tema, como os vinculados ao Projeto de Extensão *Cineclube Diversidade em Debate*, as manifestações LGBTfóbicas vieram à tona com bastante agressividade, resultando em "acusações" de lesbianismo em relação às meninas do Coletivo Feminista, na retirada não autorizada de cartazes, e a pichação de uma suástica nazista em um deles. Tais reações, e a constatação do que elas representam, mostraram-nos a importância da continuidade desta pesquisa como uma necessidade cada vez mais urgente do ponto de vista político-pedagógico.

## Referências

- BLOEDOW, A. M.; GUIZZO, B. S. Problematizando gênero e sexualidade com jovens de ensino médio. In: SEFFNER, F.; CAETANO, M. (Org.). **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**. Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH [recurso eletrônico] Rio Grande, 07 a 09 de maio de 2014. – Dados eletrônicos, 2014. Rio Grande-RS: Editora da FURG, 2016, p. 394-415.
- BORTOLINI, A. Diversidade sexual, gênero e homofobia na escola: introduzindo um debate. **Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas**. Seropédica: UFRRJ, 2012.
- FERRARI, A. "Claro que tenho vontade de saber como é" - o que faz de um sujeito, homossexual? - Experiência homossexual no contexto escolar. In: SEFFNER, F.; CAETANO, M. (Org.). **Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas**. Rio Grande-RS: Editora da FURG, 2015, p. 142-163.
- MADUREIRA, A. F. A. Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática. Tese de Doutorado. Brasília-DF: Universidade de Brasília - UnB / Instituto de Psicologia - IP, 2007.
- OLIVEIRA, L. F.; COSTA, R. C. R. "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é." Debatendo a diversidade sexual e de gênero. In: **Sociologia para jovens do século XXI**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016, p. 359-374.
- PARENTI FILHA, T. M. S.; KLEIN, T. P. Gênero e sexualidade: se aprende na escola?! In: SEFFNER, F.; CAETANO, M. (Org.). **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**. Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura – ABEH [recurso eletrônico] Rio Grande, 07 a 09 de maio de 2014. – Dados eletrônicos, 2014. Rio Grande-RS: Editora da FURG, 2016, p. 429-440.
- RAMIRES, L. Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 131-140.